

VASCO MC MARTINS

# O Salto

VASCO MC MARTINS

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRÉS • B. P. 95 - PARIS 11 • C. C. P. «O SALTO» 56 2685 PARIS • MENSAL - 0,8 DM; 0,8 FL; 10 FB; 1F

## HOLANDA

### ATENÇÃO AOS DESPEDIMENTOS

Há alguns meses para cá, os jornais holandeses, a rádio e a televisão vão-nos dando notícias de despedimento, de declarações do patronato sobre a situação económica, relatos do parlamento onde a burguesia procura a melhor maneira de se preparar para uma crise e por vezes afirmações e títulos "assustadores". A falta de trabalho é notória, sem dúvida.

Camaradas nossos aqui, começam a sentir essas dificuldades. Alguns há que se encontram desempregados há vários meses ou há poucos dias, quando vão à polícia de estrangeiros são ameaçados: "Ou arranjas trabalho dentro de 3 dias ou então vais para Portugal." Na indústria de têxteis e de metal o ritmo de trabalho aumenta, as condições de trabalho não melhoram, enfim, o capitalista procura num curto espaço de tempo amearhar o mais possível, para que um belo dia possa fechar a porta da fábrica com a sua conta bancária bem recheada. Ele sabe bem que uma crise se aproxima.

Até a este momento são os trabalhadores holandeses os mais atingidos pelo despedimento. Desta maneira, eles formam uma mão-de-obra de reserva que o capitalista aproveitará na devida altura. Os trabalhadores estrangeiros podem ainda continuar a trabalhar, sob a condição de se sujeitarem a baixos salários, condições desumanas de trabalho, fazer horas extras, enfim, produzirem o mais possível e a bom preço, o que depois dará ao capitalista a possibilidade de se aguentar bem na altura de uma crise económica.

Todas estas afirmações de que falámos no princípio do artigo, todas estas notícias que a burguesia considera "alarmantes", não são mais do que poeira. A burguesia pretende meter-nos medo. Pretendem que os salários não aumentem e para tal dizem logo: "Se os salários aumentam, os preços aumentam ainda mais e então é uma desgraça". Fazem apelos para que não se faça greve porque dizem eles "...arruinam a economia". O jogo é bem claro. O capitalista está consciente de que uma crise económica está à porta.

(Continua na pág. 6)

## O SALTO

56, Rue de la Fontaine-au-Roi

PARIS-XI

Metro-Goncourt

### HORAS DE ABERTURA

2 feira 16h. - 22h.30m

4 feira 20h. - 22h.30m

6 feira 20h. - 22h.30m

Sabado 16h. - 20h.

SECÇÃO SOCIAL  
VENDAS  
REDACÇÃO  
SECRETARIA

## AS CARTAS DE TRABALHO e os novos acordos da emigração

Nós vamos estudar, em vários artigos, as consequências que terão sobre a emigração portuguesa e, em particular, sobre os jovens em idade de fazer o serviço militar, os acordos assinados, em Lisboa, entre o governo francês e o governo fascista português, a 29 de Julho de 1971 e publicados no Jornal Oficial do governo francês, a 31 de Outubro.

Neste primeiro artigo, vamos ver o que, de facto, dizem os acordos. Isto para que os trabalhadores portugueses emigrados em França não se deixem levar por falsos boatos e tenham nas mãos os dados suficientes para poderem enfrentar todas as ilegalidades de que possam vir a ser vítimas.

## O TEXTO

### DOS NOVOS ACORDOS DA EMIGRAÇÃO

Neste número em separata,  
reproduzimos o texto integral  
dos novos acordos  
sobre a emigração

### Os acordos e os trabalhadores que já estão em França

A situação dos trabalhadores que já estão em França e têm a Carta de Trabalho não é em nada modificada pelos presentes acordos. Nestes não vêm mencionados, em nenhum artigo, como toda a gente poderá ver pela leitura dos acordos reproduzidos numa folha à parte, os trabalhadores que já estão em França.

Todos os casos de não renovação das Cartas de Trabalho, sob pretexto destes acordos, é pois ilegal. A renovação das Cartas de Trabalho faz-se exactamente como agora.

### As cartas de trabalho dos jovens em idade de serviço militar

Os jovens em idade de serviço militar, que já se encontram em França, não terão nada que voltar para Portugal. Eles estão nas mesmas circunstâncias que todos os outros trabalhadores que já estejam em França. Os acordos, como se pode ver, não falam de nada que diga respeito aos jovens que não tenham feito a tropa.

Todos os casos de não renovação do contrato de trabalho porque se está em idade de Serviço Militar são ilegais e os jovens a quem isso acontecer devem imediatamente contactar a secção social do jornal "O Salto", 56 Rue de la Fontaine-au-Roi, Paris XI Metro Goncourt.

Os milhares de boatos que correm sobre isto têm como fim meter-nos medo e fazer-nos voltar



"Um Portugal onde poderemos viver, não como bestas de carga mas como homens livres de toda a opressão e miséria"

para Portugal. E estas pressões não vêm só da parte das autoridades fascistas portuguesas; elas vêm também de outros lados, como o caso do amigo de um leitor nosso (ver Correio do Leitor) ou aquele outro na Mão-de-Obra, em que perguntaram a um jovem se ele tinha a Caderneta Militar.

É seguro que o governo português deve ter tentado obter de governo francês a expulsão destes jovens. Se o governo francês não pôde aceitar foi, por um lado, porque interessa aos patrões franceses explorar mão-de-obra jovem e, principalmente, porque expulsar dezenas de milhares de jovens iria provocar certamente, grandes movimentos de protesto através de toda a França.

### Os acordos e os futuros emigrantes

Os presentes acordos só entrarão em vigor, rigorosamente, a partir de 1 de Setembro de 1972 e mesmo esta data poderá ser prolongada e os acordos modificados (ver b), artigo 3).

Ao assinar estes acordos, o governo fascista português declarou que se o fazia era sobre tudo pa-

ra que as condições de vida dos trabalhadores portugueses e os perigos das viagens "a salto" desaparecessem. No entanto, nenhum artigo destes acordos obriga os patrões franceses a melhorar as condições de vida dos emigrantes.

A partir desta data, os trabalhadores portugueses que quiserem emigrar para França terão que ter um passaporte de emigrante e um contrato de trabalho assinado em Portugal.

### Os acordos e os trabalhadores que cheguem no período de transição

O Artigo 3 do Acordo diz que haverá um período transição de um ano a partir do dia 1 de Setembro passado, em que a Lei não será aplicada em todos os casos, nós diríamos mesmo na maioria dos casos.

Aqueles que tenham chegado a partir do dia 1 de Setembro 1971 poderão ter certas dificuldades em obter a Carta de Trabalho. No

(Continua na pág. 6)



## A ÍNDIA INVADE O PAQUISTÃO

Em fins do mês de Novembro, Indira Gandhi, primeiro ministro do governo indiano, fez uma viagem através do mundo para procurar apoio nos países imperialistas para a sua agressão ao Paquistão. Assim, ela esteve, entre outros, na Alemanha e na França. Mal ela voltou, as tropas da Índia invadiram, no dia 20 de Novembro, a fronteira do Paquistão Oriental, por 5 sítios diferentes.

A Índia é, naquela parte da Ásia, um dos maiores apoios dos agressores imperialistas. Invadindo o Paquistão, ela quer pôr sobre o seu domínio um país que se tem oposto ao imperialismo.

Yahya Khan chefe do estado do Paquistão, declarou que o Paquistão se defenderia da invasão e mandou mobilizar todas as tropas de reserva.

Na altura em que o nosso jornal vai para a impremista, combates muito violentos travam-se na fronteira da Índia com o Paquistão.

## CAMBODJA

### Grandes vitórias das forças de libertação

Em meados de Novembro, o povo cambojano sob a direcção de Samdech Norodok Sihanouk e do F.U.N.K. (Frente Unida Nacional do Camboja) lançou um ataque de grande envergadura contra a capital do Camboja, ocupada pelos agressores americanos apoiados pelos generais, vendidos ao inimigo, Lon Nol e Sirik Matak. As tropas desses generais traidores recuaram até 12km. da capital e continuaram a recuar. O aeroporto da capital Phnom Pen foi bombardeado várias vezes pelas forças de libertação assim como o centro de comunicações que faz a ligação com o exterior, a tal ponto que hoje são inutilizáveis.

A 19 do mesmo mês, vendo o recuo contínuo das suas forças, os americanos viram-se obrigados a bombardear as suas próprias posições e fizeram vir mais 20.000 mercenários sul-vietnamitas para tentar diminuir a pressão do exército de libertação.

Quando os agressores bombardeiam as próprias posições é porque a vitória do povo está para breve.

## ENTREVISTA COM DOIS DESERTORES

(Continuação da pág. 7)

O Salto — Quais são as razões porque vocês desertaram?

Resposta — Porque estávamos a lutar para uma causa injusta. Nós concordamos com a luta do P.A.I.G.C., porque a sua causa, a luta pela independência, é uma causa justa.

O S. — Onde se entregaram vocês ao P.A.I.G.C.?

R. — Na fronteira com o Senegal.

O S. — Como foram tratados?

R. — O melhor possível. Chegou a haver combatentes do P.A.I.G.C. que passavam fome, para que a nós, não nos faltasse o necessário.

O S. — O que é que no P.A.I.G.C., vos impressionou mais?

R. — A força de vontade na luta, o seu sentido de organização e o espírito de camaradagem entre os patriotas e entre eles e nós.

O S. — Vocês estiveram nas regiões libertadas?

R. — Não tivemos oportunidade de as visitar, porque depois de desertar estivemos 22 dias no Senegal e depois 5 meses em Conakry, esperando os papéis necessários para vir para a Holanda. Estivemos também 17 dias em Argel na vinda para Holanda.

O S. — Vocês querem deixar nas colunas de "O Salto", algumas palavras aos jovens portugueses em idade de fazer a tropa?

R. — Não achamos que os jovens portugueses em idade de fazer a tropa, devem fazer como nós: desertar quando já estão em África. Achamos que o melhor é de desertar antes de embarcar.

Nós devemos lutar, não é contra os trabalhadores africanos, mas contra aqueles que nos querem obrigar a ir assassinar e morrer, defendendo as suas propriedades e fábricas.

# A ENTRADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA ONU

## Da Formosa aos Açores

Quando a tantos do ano tal as forças populares portuguesas forem senhoras de todo o país, os senhores que durante tantos anos nos tentaram manter na opressão e miséria estarão derrotados. Em Lisboa, o Governo Popular de Portugal será proclamado no meio da alegria dos operários e camponeses unidos. O povo preparará-se para julgar aqueles que durante tantos anos viveram à custa do nosso suor. Suponhamos, no entanto, que Caetano, Champalimaud, Melo e outros conseguem fugir a bordo de um barco e vão-se refugiar na ilha dos Açores, ao abrigo da protecção da base americana. Suponhamos também, que na organização das Nações Unidas, onde devem estar representantes de todos os países do Mundo, o governo americano, conseguia ainda fazer a lei e impunha que fosse o governo de Caetano que continuasse a representar o nosso povo. Se isto se passasse o que dirias-tu, trabalhador português, na tua cólera perante um acto tão injusto? Dirias certamente: isso não vai durar muito; um dia, continuando a lutar será o nosso governo popular que enviará os seus membros e um camarada mais representará o nosso país e lutará lado a lado com os outros povos pela justiça mundial, mais, um dia, libertaremos os Açores.

Ora isto já se passou, exactamente, noutro país.



Na Republica Popular da China

A 1 de Outubro de 1949, as forças populares chinesas entraram em Pequim, depois de terem libertado quase todo o país, primeiro da opressão do militarismo japonês e em seguida, da opressão exercida pelo coronel representante dos grandes senhores, Tchang-Kai-Check. Na praça Tien An Men, o presidente Mao Tsetung proclama o governo da República Popular da China, no meio da alegria geral do povo em armas. Entretanto, Tchang-Kai-Check fugiu à justiça popular que o queria condenar pelos seus crimes que cometeu contra o povo e refugiou-se na província chinesa da ilha de Taiwan.

O lugar que a China ocupa na ONU, devia ter sido ocupado pelo governo da República

Popular da China, único representante legal dos 800 milhões de chineses.

No entanto, o governo americano tinha rapidamente compreendido que, se o governo da República Popular da China entrasse na ONU não seria para apoiar o domínio que este país quer impor a todos os povos e países do mundo mas sim, para denunciar e combater todas as agressões que o governo americano fizesse. Assim o governo americano fez todos os possíveis para manter Tchang-Kai-Check na ONU. Para isso, o governo americano começou por mandar as suas forças ocuparem a província chinesa de Taiwan, pondo o governo de Tchang-Kai-Check sob a protecção dos seus canhões. Em seguida, ele fez aprovar por uma assembleia, que nessa altura era formada, sobretudo, por governos dominados pelo governo americano, o governo derrotado de Tchang-Kai-Check como o governo legal de toda a China.

Entretanto, o movimento dos povos contra o colonialismo e pela Independência Nacional desenvolveu-se imenso.

Os povos da Argélia, Tanzânia, Vietnam, Coreia, Zâmbia, Cuba, Guiné, República Popular do Congo, etc., seguindo o exemplo da China, libertaram-se da opressão estrangeira e passaram a ser senhores dos seus próprios destinos. Os agressores americanos, até então quase senhores de toda a humanidade, vêem o seu império diminuir cada vez mais. O tempo em que o imperialismo americano podia fazer a polícia, não importa onde, é já do passado.

Cada vez mais os países tomam consciên-

A Albânia, a Argélia e 21 outros países, propõem que a Assembleia "decida o restabelecimento da República Popular da China em todos os seus direitos e reconheça o seu governo como o único representante legítimo da China na Organização das Nações Unidas, e ainda que decida a expulsão imediata dos representantes de Tchang Kai Check do lugar que eles ocupam ilegalmente na ONU e de todos os organismos a ela ligados."

Desesperados, vendo o terreno a fugir-lhes debaixo dos pés, os representantes dos Estados Unidos da América e do Japão, exercem pressões vergonhosas sobre os governos dos outros países.

O presidente americano Nixon, escreve aos chefes de Estado de numerosos países; os representantes americanos, Rogers e Bush tiveram cerca de 200 entrevistas com representantes de 100 países, tentando comprá-los, fazendo ameaças.

Em seguida, os americanos, para tentarem impedir a entrada da República Popular da China na ONU, propõem que isto seja considerada uma questão de que não basta a maioria dos votos para ser aprovado, mas sim de mais de 2/3 dos votos; quer dizer que, se 100 países votassem sim ou não, não bastava que 51 votassem sim, mas era preciso 67.

Mas o Reino do imperialismo americano sobre a ONU tinha chegado ao fim 59 países votaram contra a proposta americana, 55 votaram a favor e 15 abstiveram-se.

Quando a proposta albanesa e argelina foi votada, 76 países votaram pela entrada da República Popular da China na ONU, 35 votaram contra e 17 abstiveram-se.

Cabeça baixa, o representante do cruel Tchiang Kai Check já tinha abandonado a sala.

Os representantes americanos, loucos de raiva e de desespero declararam que tinha sido "a pior derrota americana na história da ONU".

A entrada da República Popular da China na ONU foi por outro lado saudada com grandes aplausos pela maioria dos países presentes; durante vários minutos a alegria foi indescritível: "Os representantes dos países amigos da China, gritaram, cantaram, ovacionaram, enquanto alguns deles dançavam nos corredores".

O presidente do imperialismo americano, Nixon, que assistia ao acto pela televisão, ao ver esta alegria toda, ficou de tal forma desesperado que ia partindo o aparelho de televisão.

É que Nixon ao ver esta cena compreendeu que com a entrada da República Popular da China na ONU, uma página de história tinha sido virada, a do domínio americano e que os povos e os países já não aceitam patrões.

José Rocha

## Votação

Os 59 países membros da ONU que votaram contra a proposta americana são: O Afeganistão, a Albânia, a Argélia, o Butão, a Bulgária, a Birmânia, o Burundi, a Bielorrússia, os Camarões, o Canada, o Ceylão, Cuba, o Chile, a Checoslováquia, a Dinamarca, o Equador, a República Árabe do Egipto, a Etiópia, a Guiné Equatorial, a Finlândia, França, a Guiné, as Guianas, a Hungria, a Islândia, a Índia, o Irão, a Irlanda, a Itália, o Kénia, o Kuwait, a Líbia, a Malásia, a Mauritânia, o Mali, a Mongólia, o Nepal, a Nigéria, a Noruega, o Paquistão, a República Democrática Popular do Yemen, a República Popular do Congo, o Peru, a Polónia, a Roménia, Serra Leoa, Singapura, a Somália, o Sudão, a Suécia, a Síria, a Trindade e Tobago, o Uganda, a Ucrânia, a U.R.S.S., a Grã-Bretanha, a República Unida da Tanzânia, a República Árabe do Yemen, a Jugoslávia e a Zâmbia.

## A posição do governo de Caetano

O governo de Caetano fiel servidor dos seus patrões americanos, tentou desesperadamente impedir que a República Popular da China entrasse na ONU. Assim ele votou a favor da proposta americana. Ora como sabemos esta proposta foi derrotada por 59 votos contra 53. O governo de Caetano vendo o barco a afundar-se votou em seguida pela entrada da República Popular da China. Eles tentavam assim enganar os povos. No entanto eles já não enganam ninguém e muito menos o governo da República Popular da China. Assim, Chou En Lai chefe do governo da República Popular da China declarou outro dia que se o governo fascista português, lá porque tinha votado pela entrada do seu governo na ONU, pensava que a China o ia apoiar se enganava muito. A República Popular da China, declarou Chou En Lai, continuará a apoiar a luta dos povos de Angola, Guiné e Moçambique contra o colonialismo português.

## ESPANHA

### GREVES E ACÇÕES POPULARES

A Espanha atravessa neste momento uma grande vaga de movimentos populares e de greves que desferem golpes mortais ao fascismo franquista. Em Madrid, Barcelona, Astúrias, Pampelona, Catalunha, os operários têm-se levantado numa série de greves e de outras lutas, que abalam duma maneira eficaz o franquismo e contra as quais a repressão fascista nada pode.

## Madrid

No princípio de Outubro, nesta cidade, os operários da construção civil puseram-se em greve exigindo um salário de 400 pesetas, reclamando a semana de 40 horas, a anulação dos despedimentos, a libertação dos presos políticos e protestando contra o desemprego que existe na profissão e que atinge mais de 100.000 trabalhadores. Durante as manifestações realizadas, houve confrontamentos com a polícia que causaram vários feridos. Durante uma das manifestações, a polícia fascista assassinou à queima-roupa Pedro Patifio, operário em greve. Vários movimentos de solidariedade foram criados à volta da greve, entre eles o movimento das mulheres que distribuíram panfletos de solidariedade com os grevistas. Esta greve mobilizou mais de 70.000 operários, resolutos a lutar.

cia de que todos os países grandes ou pequenos são iguais em direitos; que os problemas de um país devem ser tomados em mão pelos povos desse país; que os problemas do mundo devem ser resolvidos por todos os países do mundo e os da ONU, por todos os países membros duma organização em comum.

## 18 de Outubro A Assembleia Geral

Quando a 18 de Outubro de 1971, é aberta a discussão na ONU sobre o restabelecimento da República Popular da China no seu lugar, o clima é de uma grande batalha.

## Astúrias

Desde há muito, é esta a região onde os trabalhadores têm mais lutado e onde o fascismo franquista tem tido mais derrotas. No dia 10 de Outubro, os mineiros das Astúrias puseram-se em greve exigindo aumentos de salários, 40 dias de férias por ano, 40 horas de trabalho por semana e reembolso a 100% em caso de doença ou de acidente, pois as minas são dos locais de trabalho mais perigosos que existem. Procurando remediar as coisas imediatamente, os fascistas vêem-se obrigados a mandar vir carvão de um país estrangeiro. Actualmente mais de 8.000 mineiros continuam a greve até obrigar o governo a ceder.

## Barcelona

No dia 23 de Outubro, na fábrica de automóveis SEAT-filial da FIAT em Barcelona, que reagrupa mais de 20.000 operários, 15 dentre eles fazem greve e são despedidos. No dia a seguir, a maioria dos operários põe-se em greve ocupando a fábrica. A Direcção resolve suspender 2.300 dentre os grevistas e manda chamar a polícia para os desalojar; os operários opõem uma resistência violenta à polícia. Houve vários feridos, tanto polícias como operários, e alguns operários são presos. Três dias mais tarde um dos grevistas, ferido, morre no hospital. Um grande movimento de solidariedade foi criado à volta desta greve, o que vai obrigar a fazer recuar tanto a direcção da fábrica como o governo fascista. Os trabalhadores e o povo de Espanha dão-nos um exemplo de grande combatividade e desferem um novo golpe no fascismo espanhol.



## ENTREVISTA COM UM ESTIVADOR

O capitalismo não serve a classe trabalhadora, pelo contrário, ele causa-lhe muitos sofrimentos. Os capitalistas são como sanguessugas, que só deixam de sugar o sangue à classe operária quando esta os destrói. Veja-se o que o capitalismo faz em Portugal: mais de uma dezena de fábricas de conserva no Algarve fecharam, atirando para o desemprego milhares de homens e mulheres que mantinham os lares. Mas o capitalismo não fica por aí, ele há-de continuar a sua destruição. Seja em Portugal, seja em França ou na Bélgica, o capitalismo causará o desemprego, a miséria e até expulsará os emigrantes que trabalham e que buscam condições melhores. O capitalismo quer mais produção, mais lucros para encher os bolsos dos banqueiros, dos patrões, dos generais e até dos chefes de fábrica e dos sindicalistas.

Com a estiva vai passar-se a mesma coisa. Vejamos o que nos diz um camarada estivador:

Pergunta- Quantos anos tem e há quantos anos trabalha?

Resposta- Tenho 30 anos e há 10 que aqui trabalho, como estivador não sindicalizado.

P- Explique melhor...

R- Bem; há os estivadores sindicalizados que têm sempre trabalho e há os não sindicalizados (chamados os "homens da rua") que descontam para a Caixa e para o Sindicato mas que não têm regalias nenhuma. Há dez anos que desconto e ainda não tenho dias certos de trabalho.

P- Conte-nos lá como é que arranja trabalho?

R- Todos os dias, às 6h da manhã, lá estamos à espera que nos escolham. Só trabalhamos quando há muito trabalho, pois quando há pouco, esse é só para os sindicalizados. Tapamos os furos e assim as agências não perdem dinheiro, pelo contrário, somos nós que o perdemos. Se há trabalho, o encarregado escolhe o pessoal para embarcar.

P- Quantos homens são escolhidos?

R- Nós, os "homens da rua", somos uns mil e tal. Esperamos atrás das grades que nos chamem. Aquilo quando faz frio, aperta. Quando chegam os encarregados, uma confusão, chegam a juntar-se dezenas de homens à sua volta para pedir trabalho. Alguns que ali estão não trabalham há semanas e às vezes, há meses. Escolhem aqueles que precisam para a

carga ou descarga, para tapar os furos.

P- Como começa depois o trabalho?

R- Os que são escolhidos, apanham o autocarro (que somos nós que pagamos) e vão para os diversos cais de desembarque. Somos divididos por porões. Os encarregados tratam-nos muito mal. Eles só abrem o bico para com os estivadores da rua, esse miserável que ganha uma miséria.

P- Que tal são as condições de trabalho?

R- Más, muito más. Querem que a gente trabalhe depressa e depois admiram-se quando lá cai uma lingada em cima de um ou de outro. Se queremos ir mijar, não temos onde ir. Nos barcos não nos deixam, no porto de Lisboa não há retretes. E quando descarregamos estamos tão sujos e a cheirar mal, e temos de ir assim para casa porque não há lavatórios nem duchas.

Sabíamos que o governo mandou instalar uns guindastes para fazer o trabalho mais depressa, e para pôr na rua os estivadores que eles não precisam. Por isso perguntámos:

P- O que é isso dos novos guindastes?

R- Isso é para nos porem na rua. Veja: para descarregar um barco de 1.000 toneladas, cheio de carga (sacos, caixas, pacotes), são necessários 40 homens durante 3 dias de 8 horas de trabalho. Mas agora, com os guindastes que levantam as caixas de metal onde está a carga, bastam 14 homens durante 8 horas de trabalho. Muitos de nós ficaram sem trabalho. Eu terei de arranjar qualquer coisa porque é preciso criar os filhos e pagar ao merceeiro.

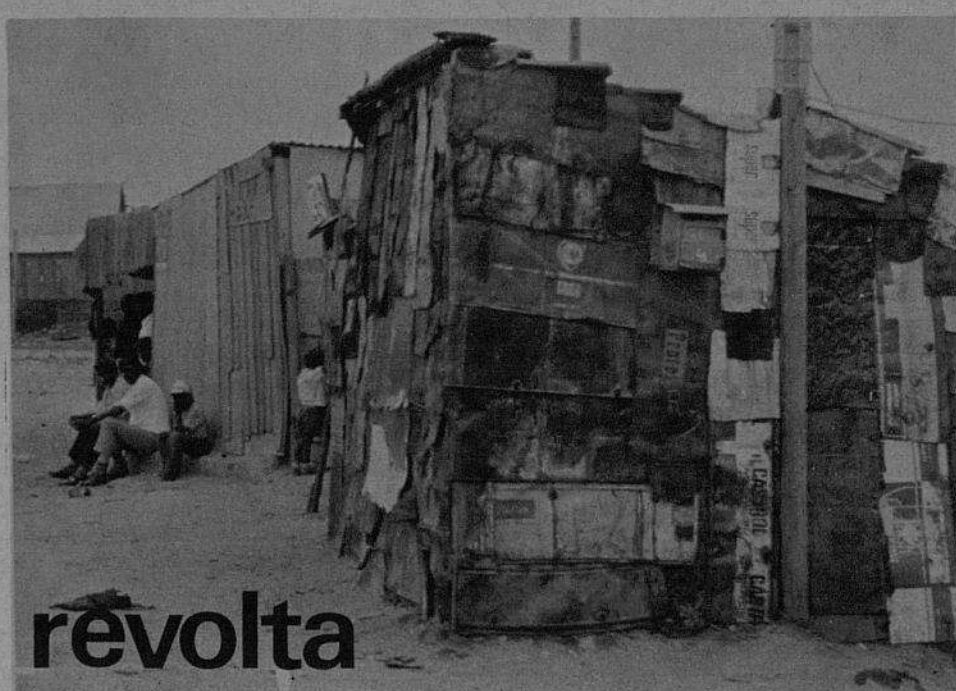
P- E o Sindicato...?

R- O Sindicato paga com o nosso dinheiro a um piquete da polícia que está sempre à entrada da Casa do Conto. Dizem-nos que estão ali para manter a ordem, mas o que acontece é que, quase todos os dias, eles batem-nos com os cassetetes. Somos obrigados a pagar a quota ao Sindicato e este manda a polícia dar-nos porrada. A direcção do Sindicato é controlada pelo governo e pelas agências de navegação.

P- Mas é preciso lutar contra essas decisões do governo!

R- Pois, e agora mais do que nunca, vamos ficar mesmo na rua. Éramos os homens da rua e continuaremos com o mesmo nome. Pensamos em fazer greve, mas os sindicalizados ainda não aderem. Estamos divididos, o governo dividiu-nos de propósito. Mas há-de haver uma unidade entre todos nós. Os sindicalizados também são explorados pelas agências e pelo governo. Haveremos de chegar à unidade. Precisamos de uma organização que nos dirija, pois o Sindicato é um sindicato dos patrões, um sindicato fascista.

A. Matos



## revolta no bairro de lata

"300 FAMÍLIAS VÃO TER UMA CASA  
QUE NUNCA TIVERAM"

Isto era o que se podia ler sobre as camionetas carregadas de homens, mulheres e crianças, que desfilarão em Almada e na Cova da Piedade.

Como todos sabemos, a quinta da Alegria que ficava no morro, perto da Margueira, já não existe.

Tudo começou quando o Melo da Lisnave quis alargar os estaleiros. Falou com o presidente da Câmara de Almada e disse que precisava do terreno onde estavam as barracas que serviam de alojamento às 300 famílias de operários e operárias. O presidente da Câmara viu que dali podia sair um grande negócio, e pediu ao Melo 30.000 contos pelo terreno. Como a Lisnave estava de acordo, os moradores depressa receberam ordem de despejo.

"Para onde vamos?" — perguntavam todos.

"Daqui não saímos!" — diziam alguns.

Perante a revolta que se gerava no bairro da lata, o presidente recorreu à força.

Dizem que a polícia representa a Lei; mas a Lei serve o povo ou serve os exploradores do povo? En-

tão, se ela serve os exploradores do povo, essa Lei não é nossa nem nos diz respeito.

Depressa a polícia ocupou o bairro. Foi então que se ouviu da boca do chefe dessa cambada dizer: "Se não saíam a bem, sairão à frente das escavadeiras!". Mesmo com todas as ameaças, a população ficou e mostrou-se disposta a resistir.

Passou-se algum tempo. Começava a cheirar a esturro todo esse silêncio da Câmara e da polícia. Até que uma noite, alguém gritou: "Há fogo, fogo na barraca do tio Júlio...". Era o começo da violência dos capitalistas. Tudo estava preparado para que o fogo se alastrasse a todo o bairro: o quartel dos bombeiros de Cacilhas ficava a dois minutos de caminho, mas estes só apareceram meia hora depois. A polícia tentava dominar a situação querendo acalmar os trabalhadores, como se eles desejassem a sua felicidade. As crianças que nunca tinham conhecido outra que aquela casa sem tecto, choravam ao vê-la desaparecer no meio das labaredas. Como as barracas eram todas de madeira, depressa tudo se viu reduzido a cinzas.

"Nada de aflições, pois já há casas para todos" — disse o presidente da Câmara. De facto, havia já um pequeno bairro construído, perto do Larangeiro, que fazia parte do plano. Tudo isso era um sonho, pois o que havia, eram casas pré-fabricadas de zinco e cortiça (frias no Inverno e muito quentes no verão). Para quem quizesse só eram 800 escudos, fora os transportes.

"Ora, se nós vivíamos na Quinta da Alegria, era porque não podíamos pagar o preço duma renda de casa, pois o que ganhávamos nem para comer chega." — dizia uma operária da fábrica de gelo.

Soube-se, mais tarde, quem tinha posto fogo ao bairro, mas isso era para ficar nas gavetas dos culpados.

Resultado:

300 famílias desalojadas obrigadas a tirar a barriga para pagar à Câmara; por outro lado, o Melo já tinha terreno para construir mais estaleiros, para explorar mais operários e para aumentar a sua fortuna; 30.000 contos no bolso do Glória Pacheco (presidente da Câmara) e alguns contos para o chefe da polícia. E para dar um ar de contentamento geral, para humilhar ainda mais a classe trabalhadora, andaram com as camionetas a mostrar que tudo estava resolvido, ao meterem nelas os mais conformados.

Mais tarde, soube-se que o Glória Pacheco se tinha suicidado, e que todo o dinheiro dos projectos da Câmara tinham desaparecido.

"Eu não tenho nada, nem ambição nada", dizia quase sempre esse canalha. Pudera, todo o dinheiro estava em nome da filha, que vive numa vivenda com piscina, no Estoril.

Mais uma manobra dos capitalistas portugueses contra a classe operária. Quando eles querem uma coisa para aumentar a sua fortuna, isso realiza-se, mesmo que seja preciso a polícia, a padralhada ou os bufos.

Mas nós, trabalhadores, que somos as fábricas em movimento, somos mais que eles e pelas nossas mãos llenos a verdade.

A. Matos

## O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

Em qualquer parte da Europa onde os portugueses hoje procuram ganhar a sua vida, quer seja na Alemanha, na França, na Bélgica, na Holanda, no Luxemburgo, ou no nosso próprio país, se depara com o problema do aumento do custo da vida. Este é um problema que, já há anos para cá, se vem sentindo fortemente. E ele toca-nos sobretudo, no meio em que temos de fazer as nossas principais despesas. Todavia, é sobre o aumento do custo da vida em Portugal que nos vamos interessar mais neste artigo. Por um lado, porque, mais ou menos, todos enviamos à família uma parte dos salários para Portugal; por outro, porque, emigrantes temporários que na maioria somos, conservarmos os olhos virados para a nossa terra, aonde voltaremos logo que seja possível.

Portugal é, com efeito, um dos países ocidentais onde o aumento do custo da vida mais se tem intensificado, especialmente nos últimos anos, depois de 1964. Todos damos bem conta disso. Um artigo que em 1960, custava 30\$00 passou a custar, em 1964, pelo menos 33\$60, e em 1970 48\$80. O aumento dos preços dos artigos e bens de consumo (alimentação, vestuário, renda de casa, electricidade, etc...) cria sérios problemas às magras bolsas dos trabalhadores, cujos ínfimos salá-

rios logo se ressentem.

### O escudo vale cada vez menos

A actual subida dos preços, começa também a inquietar as autoridades (daí as palavras adocicadas de Marcelo na T.V.), porque dá origem a constantes lutas dos trabalhadores pelo aumento dos salários. Estas lutas põem em perigo os grandes lucros dos capitalistas.

Frente a estas lutas, ou com medo delas, os patrões foram obrigados a aumentar um pouco os salários. Mas o aumento do custo de vida é de tal ordem que, o que podíamos comparar com o dinheiro que agora se ganha é menos ainda do que o que se podia comprar com o que se ganhava antes.

Os patrões argumentam sem vergonha, que a subida dos preços é o resultado do aumento dos salários. Ora, na realidade, a subida dos preços não é senão o resultado dos problemas que enfrenta o regime fascista português (em particular, a guerra colonial); é a consequência dos recursos a que ele deita mão antes de abrir falência total. Como sabemos, o governo português, para cobrir as despesas da guerra, onde, pelo menos, metade do orça-

mento se derrete, mandou imprimir moeda que não corresponde a um aumento da produção. O dinheiro em circulação aumentou em 7 anos para quase o dobro, sem que os produtos e bens produzidos o igualassem.

Isto faz com que o escudo valha, de facto, muito menos do que antes.

Tomemos um exemplo, para melhor explicar esta perda de valor do escudo: suponhamos que em Portugal só se produziam batatas, por exemplo 1.000 kg, e que Portugal há 7 anos, tinha em circulação 1.000 escudos. Cada escudo correspondia pois, a 1kg de batatas. Ora se Portugal hoje produz os mesmos 1.000 kg e o dinheiro que hoje existe é o dobro, quer dizer, 2.000 escudos, cada escudo só corresponde a meio kg de batatas tendo, portanto, perdido metade do seu valor.

O aumento do custo de vida, é o resultado, pois, de uma política que tem como único objectivo a defesa dos interesses dos capitalistas, em prejuízo do bem-estar do povo em geral. Os capitalistas, para fugirem a uma morte próxima, tentam odiá-la, atirando as consequências da sua política sobre as costas dos trabalhadores, os principais atingidos com a subida dos preços.



# TEATRO E A AMIZADE...

(Continuação da pág. 8)

na peça "O Emigrante": Eu, antes de ser obrigada a emigrar, vivia em Santa Cruz do Douro, lugar de Enxames, onde tínhamos um naco de terra. A vida ia mal e fomos obrigados a hipotecar a propriedade ao senhor Reguenga."

- Portanto, em qualquer dos casos passa-se a mesma coisa. No primeiro, foram os colonialistas portugueses que chegaram a África e, à força das armas roubaram as terras aos africanos e escravizaram-nos. No segundo, o senhor Reguenga, como não podia roubar descaradamente a terra aos camponeses, faz-lhes concorrência, até que eles se vêm obrigados à hipoteca. A hipoteca é também um roubo, pois obriga o camponês a trabalhar numa terra que já não é sua, cujo produto reverte a favor do Reguenga, que se limita a esperá-lo, sentado à secretária do seu escritório.

Na peça burguesa de que falámos há pouco, diz-se que estamos em África para defender o "Sagrado Património Nacional" e dentro da "Pátria" para "defender as liberdades da pessoa humana". Isto é uma vergonhosa mentira.

Na peça que estamos a ensaiar, nós dizemos a verdade: "A 3 de Agosto de 1959, começou a luta armada, em memória do massacre de Pidjiguiti, no porto de Bissau. Lembro-me como se fosse hoje. Nesse dia, eu e o vosso pai estávamos a trabalhar no campo. O José chegou a correr, chamou-o e, ao longe só via os grandes gestos do José. Depois, partiram os dois. O vosso pai voltou nessa noite muito tarde. Durante toda a noite ele contou-me como os operários do porto de Bissau fizeram greve, como o exército colonialista tinha disparado sobre os operários, como os operários tinham compreendido que só a luta armada os libertaria."

- Na peça "O Emigrante" também se diz, por outras palavras, a mesma coisa: "Aqui, no Alentejo, há muito que não temos terra, trabalhamos para outros."

- Mas há mais, muito mais, na peça burguesa de que estamos falando. Nela é condecorado um General com a Ordem Militar da Torre e Espada do Valor da Lealdade e Mérito. Porquê? Porque esse dito General, nas campanhas pela "dilatância da Fé e do Império", "combateu a subversão do inimigo nas fronteiras de Angola, Guiné e Moçambique".

- Nós, trabalhadores, não consideramos inimigos os que trabalham e são explorados. E dizemo-lo na "Solidariedade": "O povo da Guiné e o povo português são amigos. Unidos, eles serão capazes das maiores vitórias". Isto fica mais claro quando um soldado português ouve a voz da sua consciência: "Eu, aqui a perseguir uma trabalhadora que luta para libertar o seu povo da opressão. Eu, que participei em tantas lutas. Nas manifestações de 1961/62, na greve da Carris, em Lisboa. Eu, militante operário, que faço aqui? Mas eles diziam que a melhor maneira de lutar contra a guerra colonial era vir para África. Como pude chegar ao ponto de matar camaradas africanos, que lutam contra os que são também meus inimigos?"

- Na peça "O Emigrante", o Soldado Joaquim diz: "Eu, antes de ser chamado para a tropa, era operário na CUF do Barreiro. Quinze dias antes de embarcar para a Guiné pedi dispensa, decidido a desertar. Iria lá eu, operário, matar trabalhadores que lutam pela liberdade?" E os exemplos são tantos...

- Sim, na peça "O Emigrante" há mais. Esta outra fala do Soldado Joaquim, por exemplo: "Diz-me lá, não será a mesma gente que te explora aqui que explora em África os africanos? Se os donos das fábricas em Portugal, são também os donos das quintas, das fábricas e dos bancos nas colónias! Olha, o Banco Nacional Ultramarino é dono de meio Moçambique e de meio Portugal, os Melos, que são donos da CUF e que nos exploram, são donos de quase toda a Guiné."

Na peça "Solidariedade": "Nós não combatemos o povo português mas sim os grandes senhores de Portugal que nos exploram."

E muito mais coisas nos dizem e nos mostram estas duas peças que trabalhadores fizeram para trabalhadores verem. Bem servidos estávamos se estivessemos à espera que os burgueses escrevessem as nossas peças de teatro. Nem eles estão interessados nisso, porque senão, como podiam depois comprar

automóveis, serem engenheiros, doutores e "altas individualidades do exército e da polícia"? Eles são donos de tudo: dos cinemas, dos livros e dos teatros. Até que um dia... porque nós já começamos a exprimir os nossos problemas nas nossas peças. Elas são escritas com as ideias de cada um, representadas com esforço de cada um. E é este esforço de cada um, "unido como os dedos da mão" que:

- Irá devolver ao camponês a terra que o Reguenga lhe roubou;

- Libertará os povos das colónias da exploração de que são vítimas;

- Permitirá ao alentejano ceifar o trigo de que necessita para si, para a mulher e para os filhos;

- Fará regressar de França muitos "soldados Joaquina" que desertaram para não matar amigos.

É este esforço de cada um, na grande união de todos os povos, que nos trará Pão, Paz, Terra, Liberdade, Independência da "Peça do Emigrante" e de "Solidariedade".

de  
Justino Alves  
e  
António Silva

## assina «O SALTO»

A assinatura de 12 números custa 10F.

Tu podes pagá-los enviando-os para a CCE 56 2685 Paris. Escrevendo para O Salto B.P. 95 PARIS XI pedindo que enviemos um mandato já preenchido para o pagamento.

Se quiseres pagar directamente tens os nossos locais à tua disposição, nas horas de permanência.

## UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS

# OS DIREITOS DAS CRIADAS DE SERVIR

Considerando que o conhecimento dos direitos relativos ao trabalho, à assistência médica, etc., é um meio importante de defesa dos trabalhadores contra a exploração de que são vítimas, passamos hoje a transcrever algumas das leis que regem a situação do pessoal de serviço, quer dizer, das criadas de servir, mulheres a dias, empregadas de hotéis, restaurantes, cafés, etc... Transcrevemos apenas os direitos mais importantes publicados na "Convenção Colectiva do Trabalho do Pessoal de Serviço da Região Parisiense".

A Convenção Colectiva é uma série de acordos assinados por vários sindicatos e pelos patrões que regem a situação destes trabalhadores.

### Artigo 1

Os patrões reconhecem aos empregados a liberdade de opinião e o livre exercício do direito sindical.

Isto quer dizer que as criadas de serviço e outros empregados têm o direito de se inscreverem nos sindicatos e partidos políticos, se acharem que isso lhes pode ser útil, na defesa dos seus interesses.

### Artigo 4

O contrato feito pelos patrões deve ser modificado quando a empregada tiver adquirido uma qualificação superior.

Como vamos ver, existem categorias diferentes que correspondem a um ordenado diferente para cada uma delas. Consoante, portanto, o trabalho que é feito, as criadas devem exigir o seu ordenado.

### Artigo 5

1- Criada de servir principiante (menos de 6 meses de prática) corresponde a um ordenado de 743,50 Fr. por mês (o mínimo).

2- Criada fazendo todo o serviço de casa deve receber 797,30 Fr. por mês.

## A EMIGRAÇÃO-4

# De uma ilusão chamada Brasil a uma ilusão chamada França

Depois de termos, em números anteriores, mostrado o panorama migratório português, justificando com números as afirmações feitas acerca das causas das deslocamentos do campo para as cidades, vamos neste número, fazer a introdução à emigração para o estrangeiro.

Após a 2ª Guerra Mundial e passados os primeiros 5 anos em que todos os países que tinham estado em guerra se debatiam com dificuldades tremendas para levantar as suas economias, a emigração Portuguesa recomeça o seu êxodo.

O país preferido pelos emigrantes portugueses foi quase sempre o Brasil, como se compreende facilmente. Mais tarde, apareceu a Venezuela, Argentina e Estados Unidos da América.

Em 1950, o Brasil absorve 66,66% da emigração portuguesa, seguindo-se-lhe a Venezuela com 14% e a Argentina com 9%.

Em 1952 o Brasil abre de novo as portas à emigração. A emigração portuguesa, que nesse ano atinge 52.000 emigrantes é a maior desde a 2ª Guerra Mundial até 1961. Desses, 45.760 emigrantes deslocaram-se para o Brasil.

Ora, a grande onda migratória dos campos para as cidades à procura de melhores condições de vida, como mostrámos no número anterior é o facto de o trabalhador português procurar deslocar-se, sempre que as portas lhe são abertas para países da mesma língua e costumes idênticos deixam bem claro que é a miséria e a falta de condições sociais que estão na origem da emigração portuguesa.

E essa miséria, essas condições sociais precárias, ligadas ao crescimento industrial da década de 50, originaram, numa primeira fase, o crescimento assombroso de inúmeras povoações à volta de Lisboa e Porto.

Saturadas estas zonas com as condições que já mostrámos, era de esperar que no início da dé-

cada seguinte (60) algo de importante acontecesse em Portugal.

Um proletariado novo concentrava-se à volta dos dois polos industriais oprimidos e explorados de maneira mais vil. O campesinato pobre via-se obrigado a abandonar a sua casa ou a sua horta para procurar o pão nas grandes cidades ou quando lhe era possível no estrangeiro.

Em 1960, 32.318 portugueses abandonaram a sua terra à procura do pão. Nesse ano verifica-se já uma viragem nos países de destino. Os Portugueses que até ali se encaminhavam quase na sua totalidade para 2 ou 3 países da América Latina e Estados Unidos, começam agora a virar a atenção para outros países. Nesse ano, 15% dos nossos emigrantes dirigiram-se para o Canadá, 18% para os Estados Unidos, 12% para a Venezuela, 11% para a França, 39% para o Brasil e 5% para outros países diversos. O Brasil que absorvia normalmente mais de metade da emigração portuguesa, começa a perder posição enquanto a França e o Canadá começam a tomar posição de destaque.

O Brasil lutava com imensas dificuldades, quer económicas quer políticas, que obrigavam o governo a pôr dificuldades à entrada de estrangeiros, tendo chegado mesmo a fechar a emigração.

No Canadá e na França, o grande impulso industrial da década de 50, abre possibilidades de trabalho para milhões de trabalhadores estrangeiros. No caso do Canadá é de relevo sobretudo a indústria do papel e a consequente exploração florestal para onde se destinava a grande maioria dos trabalhadores portugueses.

Em 1961, o Brasil aumentou de novo a sua posição (48%) e a França sobe para 16%.

E sobretudo a partir de 1961 que a emigração portuguesa toma proporções imensas e veremos nos números seguintes que a Guerra Colonial é a causa principal de tal facto.

repouso, sem perca de ordenado.

Mas se, a pedido do patrão, as criadas estiverem de acordo em trabalhar, as horas têm que ser pagas a mais 25%. Mas quando o horário habitual da criada for de 54 horas por semana, o trabalho feito num dia de feriado tem que dar lugar a um dia de repouso compensador.

### Artigo 10

Depois de 4 anos de presença, em caso de despedimento, o patrão deve à criada, além da indemnização correspondente ao preaviso mais a indemnização correspondente ao ordenado de um mês.

### Artigo 11

O horário máximo da empregada a quem o patrão dá comida e alojamento, é de 54 horas por semana. O trabalho não pode começar antes das 7 h da manhã e terminar depois das 9 h da noite.

### Artigo 12 Horas suplementares

Todas as horas suplementares efectuadas pelas empregadas, cujo horário é inferior a 54 h, serão pagas a mais 25%.

Todas as horas suplementares efectuadas pelas empregadas, cujo horário é de 54 h, devem ser compensadas por um descanso equivalente.

Como vemos, a lei permite ainda uma grande exploração da parte dos patrões. Permite que trabalhem 54 horas por semana, que só tenhamos um dia de repouso por semana. Mas mesmo assim há muitos patrões que não a aplicam, que nos fazem trabalhar 60 e 70 horas com um dia de descanso de 15 em 15 dias, muitos sem pagar as horas suplementares. Cabe, por isso, a todas as criadas de servir de obrigar os patrões a aplicá-la e mesmo lutar para que os seus direitos sejam cada vez maiores, pois se hoje têm alguns, isto deve-se à luta em França dos Trabalhadores durante anos.

3- Criada tendo, por vezes, de guardar crianças - ordenado 851, 10 Fr por mês.

4- Criada tendo a sua responsabilidade uma criança e tratando dela - 905 Fr.

Quando a comida é dada pelo patrão, o seu valor é de 3.50 por refeição.

Quando o quarto é fornecido, o seu valor é de 72 Fr por mês.

### Artigo 8 Repouso semanal

O repouso semanal tem que ter uma duração mínima de 24 h consecutivas. Este repouso deve ser dado, em princípio, o dia inteiro de Domingo, de Sábado à noite até Segunda-feira de manhã.

### Artigo 9

As criadas de servir têm direito a férias pagas como todos os outros trabalhadores. (Estas férias são de 4 semanas).

### Artigo 15

As fardas e aventais são fornecidos pelos patrões. Se for exigida uma farda, esta tem de ser paga pelo patrão.

### Anexo III - Pessoal de serviço

com um horário mínimo de 40h por semana.

### Artigo 3

Durante os primeiros seis meses, o "preaviso" de uma parte e doutra é duma semana.

Entre seis meses e dois anos de presença, o patrão tem que dar um aviso de 1 mês. A criada tem que avisar com uma semana de antecedência.

Depois de dois anos de presença, o patrão tem que avisar com dois meses de antecedência; a criada com duas semanas.

Quando o patrão quer despedir imediatamente a empregada, esta tem o direito de exigir uma indemnização correspondente ao tempo de preaviso.

### Artigo 5 Dias feriados

Os dias feriados são dias de



## ALEMANHA

AS FESTAS  
DO BANCO

Nos meses de Novembro e de Dezembro, o emigrante português na Alemanha, será ou já foi bombardeado por todos os lados, com propaganda para festas organizadas por Bancos ou Centros que colaboram com essas organizações de exploração.

Que pretendem pois esses senhores? Serão eles tão nossos amigos que até se dão ao "trabalho" de organizarem essas festas?

Os donos dos bancos são unsexploradores que já em Portugal viviam à custa do nosso suor. São eles uns dos grandes responsáveis da situação miserável que Portugal se encontra, e pela qual fomos obrigados a abandonar o País. A sua sede de lucro faz com que milhares e milhares de trabalhadores portugueses sejam, em Portugal, obrigados a trabalhar por salários baixos, no meio das piores condições de trabalho e sujeitos a uma violenta repressão do estado fascista.

A sua sede de lucro faz com que milhares e milhares de jovens sejam obrigados a fazer uma guerra colonial contra os povos irmãos das colónias. São eles, em colaboração com a burguesia estrangeira, como a Shell, a companhia de diamantes, as grandes empresas de automóveis, a OUF, etc., nos exploram e nos obrigam a viver nas piores condições.

Aqui, no estrangeiro, eles continuam a sua rapina. Alguns desses bancos são associados de companhias onde trabalhamos e como já não bastasse tudo isso tentam que as economias que enviamos para Portugal passem pelas suas mãos para daí poderem ainda roubar mais.

Estas festas são precisamente feitas nesse sentido. Primeiro, os bilhetes são de tal modo elevados que já lhes dá bastantes lucros; Segundo, aproveitam para fazer publicidade do Banco para que sejam levados a pôr lá as nossas economias ou enviá-las para Portugal através dele.

Estas festas não são mais do que a continuação da exploração. A verdadeira face dos Bancos todos nós a conhecemos e é nosso dever combater todas estas festas e festinhas.

Os trabalhadores portugueses no estrangeiro podem organizar as suas próprias festas, os seus próprios centros. Os nossos interesses são completamente opostos aos interesses dos patrões dos bancos. Ao boicotarmos as suas festas e os seus centros, construindo a nossa união e organizando as nossas festas e os nossos centros, nós resistimos à campanha de exploração destes sanguessugas.

VIVAM AS ASSOCIAÇÕES DOS TRABALHADORES

ABAIXO AS FESTAS E CENTROS DOS BANCOS E CONSULADOS

## NANTES

O desemprego  
ameaça para  
os trabalhadores

A crise de emprego tem vindo a desenvolver-se de uma maneira assustadora em França.

Estatísticas, há pouco saídas nos jornais franceses dizem-nos que o desemprego aumentou num ano de 25%, que existem 500.000 desempregados.

Em Nantes, esta crise tem-se feito sentir sobretudo na metalurgia e na indústria alimentícia.

Assim Dubriform, uns estaleiros navais resolveram licenciar 200 pessoas; e os estabelecimentos Lumes estão em estado de falência, o que já obrigou várias pessoas a saírem.

Por outro lado, a fábrica de bolachas LU tinha já licenciado bastante pessoal, sobretudo feminino, que dificilmente pode encontrar trabalho noutro lado.

Várias outras fábricas têm licenciado pessoal em pequena quantidade, mas as proporções são tão grandes que hoje não há nenhum trabalho em deslocação (dificilmente). Os trabalhadores e sobretudo as trabalhadoras emigradas são as primeiras prejudicadas quando há uma crise do género.

## a mulher emigrada

"BONNE A TOUT FAIRE"  
QUER DIZER ESCRAVA

A secção "A mulher emigrada" lança um apelo a todas aquelas e aqueles que quiserem colaborar nesta secção, para que enviem para o jornal críticas sobre os artigos já feitos e sugestões sobre assuntos que gostariam de ver tratados. Podem também vir directamente às permanências da secção que se realizam todos os Sábados, das 16 às 20 horas, no 56 rue de la Fontaine-au-Roi - Paris 11, M<sup>o</sup> Goncourt.



Para esta secção já apareceram várias camaradas interessadas em colaborar, algumas das quais eram ou são criadas de servir; é juntas, decidimos que o nosso primeiro artigo seria uma reportagem sobre elas, sobre as condições de vida das criadas de servir.

Sobre a maneira como iríamos fazer o nosso trabalho, consideramos que sempre que fosse possível, faríamos inquéritos junto de pessoas que viveram ou vivem o assunto tratado, de modo a ter uma ideia mais clara da realidade. Para esta reportagem, duas de nós fomos fazer um inquérito no 16<sup>o</sup> bairro, onde trabalham muitas emigradas.

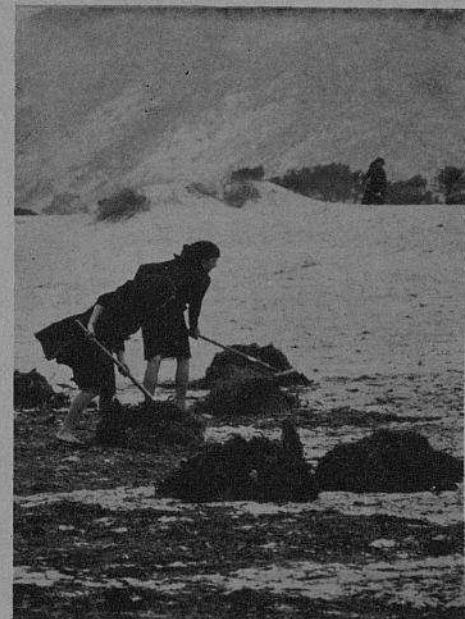
Fernanda:  
esta vida  
é uma prisão

Encontramo-nos no 16<sup>o</sup>, um dos mais ricos bairros de Paris.

A criada que vamos ver já se encontra à nossa espera, à porta de um prédio moderno, de aparência luxuosa. A entrada dirigimo-nos para uma porta, mas um gesto da nossa camarada retém-nos: "Por aí não; aí é o elevador... e como vós sabeis, nós, as criadas, temos que subir a pé os 6 andares das escadas de serviço".

Já no quarto, nós pedimos a Fernanda que nos fale das suas condições de trabalho.

Ela começa a contar.



Lá na terra não ganhávamos para comer!

"Esta vida é uma verdadeira prisão. Se eu não tivesse quem mandar, todos os meses, dinheiro à minha mãe, há muito que teria deixado isto. Eu trabalho todos os dias das 7h30 da manhã até às 9h da noite e por vezes mais, por exemplo, quando há visitas. Dias livres só tenho um Domingo de 15 em 15 dias e mesmo assim nunca me posso comprometer para nada, pois a patroa está sempre a querer-me levar para o campo com o pretexto de que eu também preciso de tomar ar e afinal chego lá e tenho, mas é, trabalhado dobrado. Quantas e quantas vezes já me aconteceu estar pronta para sair e ter que tornar a enfiar o avental, pois ou o bebé tinha uma bir-

ra ou apareciam visitas. Não, realmente a única vantagem, e é por isso que andamos a servir, é quando chegamos ao fim do mês e temos o ordenado "limpo"; mas essa vantagem pagamo-la muito cara, pagamo-la com a nossa liberdade, compreendes? A vida de uma criada de servir não lhe pertence!

Tu perguntas-me se eu reclamo, se protesto. Está claro que protesto e já me recusei a fazer certas coisas que me pediam, mas é preciso ver que os patrões sabem bem aproveitar-se da situação em que nos encontramos: isoladas, temos menos força para fazer frente aos patrões; estando sempre em contacto directo com a patroa, estabelece-se assim uma relação muito pessoal de que elas se aproveitam para nos tentar impor mais horas de trabalho e que ela chama "favores". Às vezes uma pessoa deixa-se levar e não tem coragem para dizer que não; não temos coragem para lhe dizer quando, as criadas, também temos direito à vida, que estamos ali unicamente para ganhar o nosso pão; quanto ao resto, os patrões que se arranjem. É-nos difícil dizê-lo, e melhor do que ninguém sabe-o a patroa..."

O isolamento, eis o maior problema que se põe às criadas de servir. Elas sabem que são exploradas; elas sabem que fica mais barato aos patrões fazê-las trabalhar 10, 12 e 14 horas por dia, mesmo dando quarto e comida, mesmo pagando as horas suplementares ou o que é mais frequente, dando uma gratificação ao fim do mês, do que pagar uma mulher a dias, que hoje já não trabalha a menos de 6 francos à hora. Elas vêem a diferença enorme que existe entre a riqueza dos patrões e a sua própria condição, obrigada a trabalhar pelo pão que outros têm e mais. E de tudo isto falam entre elas quando se encontram nos mercados ou nos prisuniques: dos patrões, da exploração, aconselhando-se umas às outras, apoiando-se de certa maneira. E isto já constitui uma tentativa para romper com o isolamento que é o principal obstáculo para que elas se organizem.

no C.J.T.P.P. :  
fomos  
obrigadas  
a emigrar

Nós fomos ao Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris. Lá falámos com uma moça que também anda a servir; perguntámos-lhe porque achava ela que os patrões franceses preferiam criadas de servir portuguesas e por que tinha, ela própria, emigrado.

"Nós, respondeu ela, sabemos muito bem que os patrões franceses preferem as criadas portuguesas é porque a maior parte de nós vem com os olhos fechados; chegamos cá, não conhecemos nem as leis, nem a língua e está claro, os patrões aproveitam-se disso. É preciso ver que a maior parte das raparigas que andam a servir aqui em França, vêm das aldeias do Norte de Portugal onde, trabalhando na terra que os pais tinham, não ganhavam para comer. E então, nós tínhamos que escolher: ou ir servir para Lisboa ou então emigrar para França. Algumas iam para as fábricas; eu, por exemplo, ainda andei a trabalhar numa fábrica. Mas o que é que eu ganhava? 20 a 25 escudos por dia, o que nem para comer me dava, quanto mais para ajudar os meus pais! Então a única solução foi emigrar e hoje a maior parte das moças da minha terra andam a servir aqui em França.

Mas claro, em Portugal ganhávamos uma miséria. Aqui, sem família nem amigos, ao princípio deixamo-nos enganar. E um dos meios de pressão da patroa sobre nós é o alojamento. Elas sabem que para nós, perder o emprego quer dizer perder o abrigo e quando não se tem família cá, é também ter de dormir ao relento. Já com as

francesas isso não acontece; estando no seu país, elas têm geralmente a quem recorrer e isso dá-lhes mais força.

Joana:  
o tempo  
da escravidão  
acabou

Esta camarada trabalha connosco na fábrica. Ela explica-nos o que passou quando andava a servir e como pouco a pouco foi tomando consciência da necessidade de lutar.

"Na primeira casa onde estive, para matar a fome tinha que roubar a carne ao cão, que era mais bem tratado do que eu. Trabalhava todos os dias das 7h da manhã até às 11 da noite. Não tinha um único dia de saída a não ser quando a patroa me obrigava a ir à missa. Mas como não tinha papéis tive que aguentar até ao fim do contrato.

Depois fui para outra casa onde a patroa me fez andar a limpar a casa toda: os vidros, os reposteiros, as paredes, as pratas etc... e quando ao fim de dois meses estava tudo limpo, ela despediu-me, claro, já não precisava mais dos meus serviços.

Isto é uma coisa que se vê muito: patroas que empregam uma criada, dizendo que é por muito tempo e assim que a casa está toda limpa de alto a baixo, despedem-na.

Hoje, como operária, continuo a ser explorada, mas a minha situação melhorou. Se ela melhorou não é devido ao acaso: é devido ao facto de eu ter aprendido a minha custa que o tempo da escravidão acabou e que nós devamos, a todo custo, defender a nossa liberdade e dignidade de pessoas humanas.

Foi aqui na fábrica, que eu tomei verdadeiramente consciência da força dos trabalhadores unidos.

Ao princípio, quando fazíamos greve, eu nunca era das primeiras a apoiar. No fundo, não tinha confiança nos meus camaradas de trabalho, nem em mim. Mas pouco a pouco, através das diferentes lutas que temos travado e com a ajuda de alguns companheiros, fui compreendendo que os trabalhadores estão sempre prontos a lutar até ao fim, por tudo aquilo que realmente corresponde a um passo em frente na sua libertação da exploração e que nessas alturas a nossa força é imensa.

Embora a situação das criadas seja mais difícil, visto estarem isoladas e debaixo da influência da patroa, elas também podem e devem lutar, elas também podem e devem unir-se.

Existe uma lei; e se bem que ela não nos defende completamente, nós todas devemos conhecê-la e lutar para que os patrões a apliquem. Este é o nosso primeiro meio de defesa e devemos impô-lo, pois não serão nunca os patrões que nos ajudarão nesse sentido."

Das entrevistas com estas três camaradas assim como das diferentes conversas que temos tido, nós podemos concluir, dizendo:

— As criadas de servir são vítimas de uma exploração enorme, tanto no que respeita às suas condições de trabalho, como até na sua própria vida. Uma moça que anda a servir, não pode dispor livremente do seu tempo, não se pode comprometer para nada.

— O isolamento em que elas se encontram, assim como a influência da patroa sobre elas, constituem a principal dificuldade à sua união, à luta contra a exploração. No entanto, se estas dificuldades são reais, elas não são verdadeiros obstáculos. E as palavras da última camarada, são um apelo à união entre elas primeiro, ao lado de todos os explorados na luta para acabar definitivamente com a exploração do homem pelo homem.



## Um jornal dos trabalhadores deve ser pago pelos trabalhadores

Em resposta ao apelo feito no último número do nosso jornal para que os assinantes compreendessem a necessidade que há de apoiar o jornal através da venda e das assinaturas, recebemos mais cartas das quais escolhemos quatro para publicar.

### Para que «O Salto» saia todos os meses

Camaradas,

Junto ao jornal, recebi carta vossa dizendo que vos escrevesse; sinceramente vos respondo com o maior prazer como trabalhador; espero que ao receberem não fiquem com má expressão deste trabalhador desconhecido. Gosto pois contribuir para a razão do trabalhador, e para que "O Salto" possa sair ao menos de 15 em 15 dias; claro que pode, na condição que sejamos todos unidos, que a união faz a força. Espero que todos estejam de acordo. Eu contribuirei naquilo que for preciso.

Saudações de camarada

Martins

### O JORNAL DE TODOS NÓS

Caros camaradas,

É com imenso prazer que lhes respondo à vossa carta, que bastante alegraria deu em saber notícias vossas. A minha colaboração é possível na mesma, dado que dentro da vila aonde habito me é possível fazer a venda dos jornais, e esclarecer alguns casos

mais propícios, e contribuir no que for necessário para que o jornal de todos nós tenha maior reprodução.

Sem mais os meus sinceros agradecimentos C.M.

### Grupo de apoio na Alemanha

Caros amigos e camaradas da redacção de "O Salto",

O entusiasmo despertado pelo nosso jornal aqui na Alemanha é grande e concretiza-se com segurança de do vosso conhecimento, na constituição de 3 grupos de apoio.

Nós aqui estamos dispostos a dar todo o apoio aos outros grupos para a realização de festas ou qualquer outra acção de apoio a "O Salto"; no sentido da vossa carta comprometemo-nos a distribuir 50 números do jornal e a enviarmos pelo menos 50 DM. mensalmente.

Vamos tentar intensificar a nossa colaboração, tanto sobre a forma monetária, como de informações e artigos. Mandamos junto, uma lista com 30 moradas a quem devem mandar directamente o jornal, e pedimos que mandem 20 para a morada habitual. Sabemos de algumas das vossas dificuldades, no entanto, se fosse possível que o jornal saísse todos os meses seria muito útil à nossa acção de apoio.

Unidos, nós venceremos!

Grupo de apoio na Alemanha.

|                                |       |
|--------------------------------|-------|
| Um amigo do Salto.....         | 100 F |
| Um sócio da Liga.....          | 10 F  |
| Para um "Salto" quinzenal..... | 30 F  |
| Vontade de ferro.....          | 30 F  |
| Um leitor de 40 anos.....      | 10 F  |
| Trabalhador do Algarve.....    | 5 F   |

### UMA COLECTA PERMANENTE

Caros camaradas do jornal "O Salto", Recebi a vossa carta, no meio do último número. Eu tenho uma proposta a fazer, que se vocês aceitarem, publiquem.

Para que o jornal "O Salto" possa sair todos os meses e mesmo todos os 15 dias, eu acho que todos os leitores devam contribuir com colectas. O valor dessas colectas devia ser publicado em cada número do jornal.

Para arranjar essas colectas, devia-se fazer colectas entre os trabalhadores. É necessário para isso que em cada aldeia, cidade ou fábrica onde existam leitores do jornal se criem centros de amigos do jornal.

Esperando em breve passar a ver-vos, os meus agradecimentos.

J.F.

Esta ideia tem o apoio de toda a redacção e resolvemos pô-la já em prática. Assim fizemos uma colecta entre os colaboradores do jornal, que publicamos em seguida. Todos os envios devem ser feitos para: C.C.P. "O Salto" 56 2685 PARIS - "Colecta permanent para um jornal 'O Salto' mensal.

|                                               |         |
|-----------------------------------------------|---------|
| Para a cultura popular.....                   | 10,00 F |
| Viva a união dos trabalhadores emigrados..... | 20,00 F |
| Uma trabalhadora.....                         | 5,00 F  |
| Grupo de apoio na Alemanha.....               | 75,00 F |
| A transportar ...                             | 295 F   |

### ATENÇÃO AOS DESPEDIMENTOS

(Continuação da pag.1)

As derrotas constantes do imperialismo, e a consequente baixa do dólar, o desenvolvimento das massas trabalhadoras são coisas que eles não ignoram. Por isso eles querem, neste momento, roubar o mais possível. Querem que sejam as massas trabalhadoras o burro de carga das suas dificuldades. É por isso que vão despedindo os nossos camaradas holandeses e alguns trabalhadores estrangeiros, é por isso que nos ameaçam na polícia. É por isso que só nos dão trabalho quando vêm que a sua conta bancária ainda não está como eles querem, e quando não precisarem de nós, mandam-nos para a rua.

Em relação a isto só a nossa união poderá fazer frente. É preciso não nos deixar-mos intimidar pelas ameaças da polícia nem dos patrões. Quando te puserem um papel à frente para assinares devês ter o maior cuidado e não assinares nada sem consultares alguém que te possa traduzir o que lá está. A Associação Resistência e Trabalho poder-te-á informar sobre este problema.

Camaradas portugueses, atenção pois as manobras de burguesia. A nossa união é uma força com qual podemos resistir às últimas investidas de burguesia capitalista exploradora.

NOTA:

Quando estávamos a acabar este artigo, apareceu no jornal Het Parool e em grandes títulos que a Holanda irá diminuir a entrada de trabalhadores estrangeiros, o que prova sem dúvida as nossas afirmações. Noutros números abordaremos novamente este assunto.

### AS CARTAS DE TRABALHO

(Continuação da pag.1)

entanto, essas dificuldades serão na maioria das regiões, resolvidas e dependerá do trabalho que houver. Sabemos que, por exemplo, em Dijon e Nantes já é difícil arranjar Carta de Trabalho e em Paris é mais fácil.

### A verdadeira razão dos acordos

Diz-se só no Artigo 4 que o governo francês intensificará a sua acção social a favor dos trabalhadores portugueses, bla, bla... Mas será que alguma vez o governo francês disse até à data que o não fazia? E nós bem vimos o que significava essa "acção social". Basta de poeira. A verdade é que a emigração clandestina facilita a vida para França de milhares de jovens em idade de Serviço Militar, milhares de jovens que se recusam de servir de carne para canhão na criminosa guerra que o governo dos grandes senhores da nossa terra trava contra os trabalhadores de Angola, Guiné e de Moçambique que se revoltaram para conquistar a sua liberdade.

É certo que ainda por cima o Emigrante clandestino não tem que pagar o seu passaporte. É certo que por cada contrato que ele fizer, por cada emigrante que ele vender como uma mercadoria o governo português receberá, certamente, uma percentagem. Mas é contra a juventude portuguesa e contra os povos africanos que estes acordos são feitos.

### Somos nós a impôr

Sentado numa mesa em Lisboa, Rui Patrício diz, como é fácil de imaginar:

"Dou-lhe 40.000 emigrantes por ano e não recebem mais os jovens em idade de fazer a tropa, 50000 ...60.000...65.000..."

Não, não há razão nenhuma para aceitar o que Rui Patrício, em nome dos patrões portugueses assinou sobre nós. Somos nós que devemos dizer ao governo francês o que queremos: melhores alojamentos, melhores salários, menos horas de trabalho, alocações familiares iguais, direitos iguais etc.

Somos nós a impor ao Rui Patrício, ao Caetano e a toda a banda de exploradores que eles servem, o que queremos de Portugal para não sermos obrigados a emigrar; um Portugal onde eles não existam, um Portugal onde poderemos viver não como bestas de carga mas como homens livres de toda a opressão e miséria.

José Rocha e Manuel Valente

### CARTA DA RENAULT

Finalmente formou-se aqui em França o verdadeiro jornal da Emigração; e mais, ele dá a palavra aos trabalhadores, o que não acontece em todos os jornais. Temos pois que marcar este acontecimento com uma pedra branca.

E através dele eu dou a conhecer o que aconteceu no atelier de pintura da Ilha Seguin aqui na Renault. Um trabalhador argelino foi morto, assassinado por um bando de racistas; os trabalhadores organizaram então uma manifestação de protesto, assim como um peditório para ajudar a mulher e os filhos da vítima. Aconteceu então que um camarada português que organizou o peditório foi denunciado ao chefe do atelier pelo delegado da C.G.T. Muitos de vocês, ao ler isto ficarão admirados: "então como pode o sindicato que se diz dos trabalhadores denunciar um operário?" Mas a verdade é esta, cada vez mais na Renault os sindicatos existentes já não defendem os interesses dos trabalhadores, mas sim os dos patrões. Mas cada vez mais também, os trabalhadores vão distinguindo os verdadeiros dos falsos amigos do povo.

Em frente, camaradas, pela União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

### NADA NOS OBRIGA A FAZER A TROPA?

Excelentíssimos amigos,

Acuso a recepção do vosso jornal "O Salto" o qual li e aprovei. Pois li também atentivamente a parte que se intitula "Nada nos obriga a fazer a tropa"; pois isso é verdade, não somos obrigados a fazer a tropa, nem talvez nunca o seremos, mas entre isso creio que vai existir uns problemas que vão ser para nós graves. Sucedeu que aqui há dias um amigo meu e da minha idade se dirigiu à polícia cá da vila, para renovar a sua "carte de séjour"; e sucedeu que eles, quando viram a data de nascimento dele, lhe disseram: "Olha tiveste sorte, porque se já tivesses feito 21 anos, a tua carta já não podia ser renovada". Ora, é nisto que começa o problema para nós, porque se começarmos a deixar de renovar os papéis de identidade nós passaremos a não poder transitar em França, nem a trabalhar; ora aqui está que nós não somos obrigados a ir fazer

a tropa, mas sim obrigados a ir com vontade ou mesmo sem ela, ou então tratar de fazer a mudança para outro país que aceite estrangeiros, mas isso nem sempre é fácil de conseguir.

E por agora é tudo, termino com os meus sinceros cumprimentos, agradecendo também o dito jornal que me enviaram.

A.

Respondemos para te dizer que esse teu amigo foi vítima de uma pressão que tinha como fim que ele depois fosse dizer isso aos amigos e o boato começou a correr que "já não renovam as cartas de estadia (séjour) aos jovens em idade de fazer a tropa". Ora isso é mentira, eles são obrigados a renovar; nos acordos como se pode ver não há nada em contrário.

Nós não nos devemos deixar intimidar por boatos e pressões.

### Carta da Alemanha

Ao "O Salto",

Amigos, vou vos enviar esta carta caso entendam para a publicarem no nosso jornal.

Fui, de férias a Portugal.

"Como de costume lá fui mais um ano sempre com esperança de ver as coisas melhoradas para regressar, de vez, mas torno a voltar sempre desiludido. Como aqui na Alemanha li um jornal chamado "Diálogo", vi nele grande propaganda dizendo que nas fronteiras havia um serviço de acolhimento aos imigrantes promovido pelo secretariado da emigração. Quando cheguei a Vilar Formoso tentei descobrir esse acolhimento; não vi mais que das outras vezes que lá passava a não ser um papel numa parede com uma seta para uma porta a dizer (secretariado da imigração); dentro do edifício viam-se dois ou três senhores engravatados a passear de um lado para o outro a observar os que chegavam e quando aparecia alguma moça de mini ou calção, logo se riam e conversavam uns para os outros; logo pensei que eram esses senhores que estavam a ganhar o nosso dinheiro e a prestar tão bom acolhimento aos imigrantes.

Conheci aqui um companheiro que emigrou em 1966 ou 67 clandestino para não ser mandado para a guerra; foi este ano pela primeira vez à Portugal quando foi para regressar, foi-lhe preciso autorização militar apesar de ter aqui pago o adiamento militar; mas para lhe passarem lá a autorização exigiram-lhe provas como tinha emigrado antes dos 17 anos; pois todos os documentos que tinha deixou-os cá, apenas levou o passaporte e o recibo como tinha pago o adiamento esteve lá dois meses. Como não conseguiu a tal autorização e como tinha levado um carro, convidou mais três companheiros de dezote e dezanove anos passaram a fronteira a salto tendo uma pessoa que lhe passou o carro e assim foram mais 3 que não vão

para a guerra; pois se assim todos fizessem acabariam de andar os carros com a chapa (estado) com as senhoras a pintarem-se e a irem tomar banhos para as praias.

Sei que esta carta vos rouba muito espaço por ser longa mas, se entenderem, publiquem-na.

Um emigrante da Alemanha

### ESCREVE para

O Correio do Leitor

### Prisão-escola de Leiria

Aqui fica a rectificação dum leitor nosso ao artigo de Cunha Bastos "Reportagem na prisão-escola de Leiria".

Aos responsáveis de "O Salto", No número 5 do vosso jornal, veio uma reportagem, enviada por Cunha Bastos, de Portugal. Quando comprei o jornal (e já agora acrescento que o comprei precisamente por causa da reportagem), a primeira coisa que li foi o que nele veio escrito sobre a prisão-escola de Leiria. É que sou um ex-recluso desse "palácio". Nada de bom tenho a dizer a seu respeito, e achei a vossa reportagem bastante correcta salvo na seguinte passagem:

"Já cá mataram alguns?"

—Sim. Nestes sete meses que tenho de prisão-escola já foram mortos alguns camaradas".

Eu estive cinco anos nessa "casa", e sómente uma vez um camarada meu foi morto ao tentar fugir. Dito isto, eu quero que fique nas pessoas o seguinte: na prisão-escola, que de escola só tem o nome, as guardas não matam todos os dias, mas de todas as vezes que for necessário atiram à queimada-roupa. Aquele que morreu foi o único que as guardas tombaram em cinco anos. Falta de pontaria?

É tudo.

Orlando Pinheiro



# A AMIZADE ENTRE OS POVOS



Nesta altura em que "O Salto" em colaboração com a Federação dos Estudantes da África Negra em França, organiza uma festa de Amizade entre o povo português e os povos africanos, nós consideramos importante dar a conhecer aos trabalhadores portugueses emigrados as posições, em relação ao povo português, dos movimentos de libertação de Angola, Guiné e Moçambique.

## GUINÉ

### APELO DO P.A.I.G.C. AOS SOLDADOS PORTUGUESES

A melhor ilustração que pode ser dada da posição do P.A.I.G.C. (Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo-Verde) em relação ao povo português, é o panfleto distribuído pelos combatentes do P.A.I.G.C. aos soldados portugueses.

Este apelo foi ouvido por muitos soldados portugueses que desertaram do exército colonial português compreendendo que o verdadeiro inimigo não são os combatentes e o povo da Guiné, mas sim os senhores das nossas terras e fábricas.

**ESCREVE PARA**  
**O Salto**  
**BP.95 PARIS XI**

## - SOLDADO PORTUGUÊS -

Como muitos outros já o fizeram, os ex-fuzileiros ANTONIO JOSE VIEIRA PINTO, N.º 1227-7, JOSÉ ARMINDO SENTIEIRO, N.º 1225-7 E ILBERTO COSTA ALFAIATE, N.º 790-8 abandonaram a tropa colonial no dia 18 de Fevereiro.

NA EUROPA, PARA ONDE SEGUIRÃO DENTRO DE BREVES DIAS, OS TEUS COMPATRIOTAS CONTARÃO COMO FORAM RECEBIDOS PELO NOSSO PARTIDO.

E, com os outros que já fizeram o mesmo e estão agora em França ou em qualquer outro país, eles lembrar-se-ão de ti soldado português.

De ti que continuas no exército colonial:

A participar em crimes contra o nosso povo;

A contribuir para ruína do teu país;

A sofrer a tirania dos oficiais;

A correr o risco de seres mutilado ou morto, como muitos milhares de jovens já o foram,

SOMENTE PARA O GOZO DOS RICAÇOS DA TUA TERRA

PROVA QUE ÉS UM HOMEM QUE SE RECUSA A COMETER CRIMES E A MORRER INÚTILMENTE NUMA GUERRA JÁ PERDIDA.

**ABANDONA A TROPA COLONIAL QUE SERAS BEM RECEBIDO**

NÓS NÃO LUTAMOS CONTRA O POVO PORTUGUÊS, CONTRA INDIVÍDUOS PORTUGUESES OU FAMILIAS PORTUGUESES.

PEGAMOS EM ARMAS PARA LIQUIDAR NA NOSSA TERRA, A DOMINAÇÃO COLONIAL PORTUGUESA, QUE NUNCA CONFUNDIMOS COM O POVO DE PORTUGAL!

**P. A. I. G. C. (GUINÉ)**

U.N.I.T.A. e uma lição para o governo colonialista português que detém milhares de angolanos nas prisões; uma parte permanece nos campos de concentração da Baía dos Tigres, enquanto que outra parte, morre, nas prisões de Luanda.

## MOÇAMBIQUE

### UM MEMBRO DA FRELIMO FALA DA SOLIDARIEDADE COM O POVO PORTUGUÊS

Pergunta- Em Fevereiro de 1970 rebentou, em Lisboa, a primeira manifestação contra a guerra colonial. O que pensas disto?

Resposta- Penso que foi uma boa atitude do povo português que é nosso aliado na guerra contra o colonialismo, porque ao fim e ao cabo a nossa luta é uma luta contra a opressão que sofre o próprio povo português da parte do governo. Nós pensamos que se a nossa guerra tiver sucessos a nosso favor, isto significa também sucessos para o povo português, porque o fascismo português apoia-se na exploração que faz nas colónias; mas ao mesmo tempo que oprime o povo português se enfraquece a sua autoridade em Portugal, também significa um enfraquecimento da sua autoridade nas colónias. Portanto, nós somos aliados do povo português.

P- Como pensas que o movimento popular português deve agir em relação ao problema colonial?

R- Eu penso que os soldados portugueses que vão para as colónias combater, não sabem porque é que estão lá, porque é que combatem. E digo isso porque nós já capturamos muitos soldados portugueses que vieram para Moçambique sem saberem sequer que vinham combater contra os Moçambicanos, e não sabem para quem estão a lutar e são eles que morrem. Esses soldados saem das massas populares; ora, se houvesse um esclarecimento dado pelo menos a quem fosse para a guerra colonial, podia-se dizer que eles iam de livre vontade e as consequências que eles sofressem seriam da sua própria responsabilidade.

O que acontece é que eles vão para lá e morrem para defender os monopólios portugueses e estrangeiros, para defenderem o governo português que é constituído por esses que ganham com a guerra colonial.

Quando esse esclarecimento for feito, então o povo vai opôr-se à guerra colonial, com toda a certeza.

Entrevista com um membro da FRELIMO pelo antigo jornal da Associação Resistência e Trabalho da Holanda.

Como vemos, do mesmo modo que os outros movimentos de libertação, também a FRELIMO considera o povo português como um aliado seu na luta contra o inimigo comum: o governo fascista e colonialista português.

Em Portugal, o movimento contra a Guerra Colonial desenvolve-se. Uma parte cada vez maior do nosso povo compreende que lutar contra os trabalhadores de Angola, Guiné e Moçambique é ir lutar contra si mesmo.

Já em 1967, em 70.000 incorporados, houveram 14.000 desertores e refractários, e este movimento tem continuado a desenvolver-se cada vez mais.

Em 21 de Fevereiro de 1970, em Lisboa, pela primeira vez o povo português manifestou nas ruas a sua solidariedade com os povos das colónias e a sua oposição à guerra. Em 19 de Fevereiro deste ano a manifestação repetiu-se.

Vejamos agora, através da entrevista com dois desertores portugueses, a posição que como dissemos, uma parte do povo português começa a tomar.

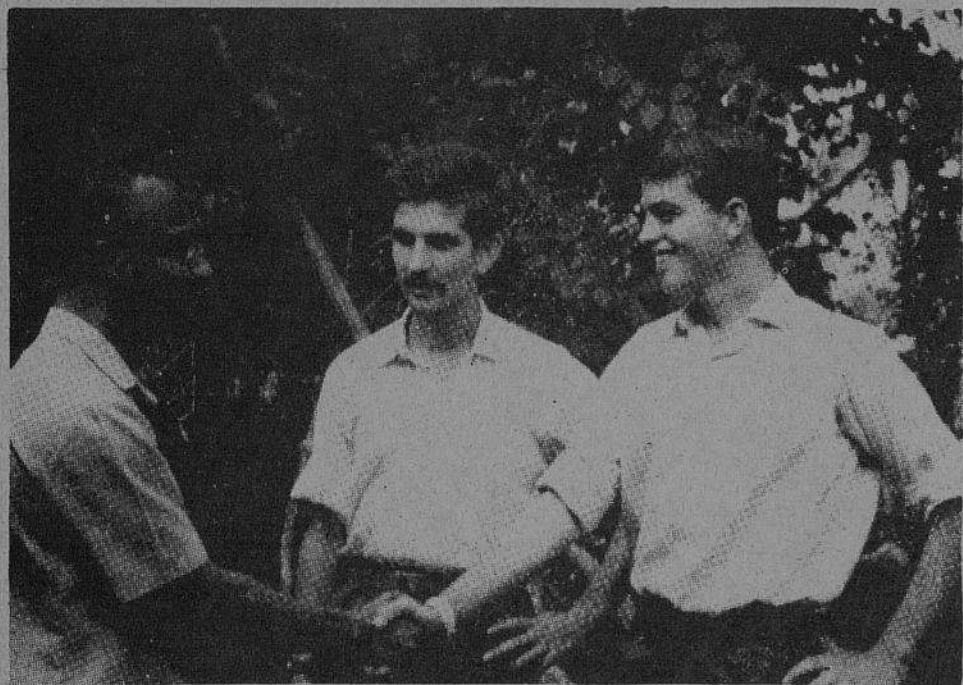
## ENTREVISTA

### COM DOIS DESERTORES

"António José Vieira Pinto era fuzileiro naval, n.º 1227/67. Nascido em Vimieiro (Alto Alentejo) em 1950. Desertou a 18/2/70. Veio primeiro para o Senegal, República da Guiné, Argélia onde esteve 17 dias e chegou à Holanda a 17 de Agosto."

"José Armino Gonçalves Sentieiro era fuzileiro naval n.º 1225/67. Nascido em Torres Novas (Ribatejo) em 1949"

(Continua na pág.2)



Amílcar Cabral, dirigente do P.A.I.G.C., cumprimentando Manuel Vaz e Fernando Fontes, dois desertores do exército português.

## ANGOLA

### Mensagem da U.N.I.T.A. aos trabalhadores portugueses

A U.N.I.T.A. (União Nacional pela Independência Total de Angola) leva a cabo, no interior de Angola, a luta armada pela independência total do país. A sua posição em relação ao povo português está bem expressa na Mensagem dirigida aos trabalhadores portugueses em Janeiro de 1971, que passamos a transcrever os principais extractos:

"A guerra que a U.N.I.T.A. trava corajosamente com convicção e honra, não é uma guerra racista ou contra o povo português. Muitos dos dirigentes e membros da U.N.I.T.A.

andaram na mesma escola convosco. (Foram-lhes ensinadas as mesmas lições de patriotismo português que criaram neles o sentido profundo de serem angolanos e livres). Eles ouviram com consternação e repulsa os seus antepassados serem tratados de "bandidos", enquanto que, aqueles que tinham usurpado a nossa terra e os nossos direitos eram tratados como heróis. De tudo isto ficou-nos um sentimento de revolta, que nós traduzimos hoje pela Guerra de Libertação Nacional. Todos aqueles que andaram connosco na escola sabem como nos fomos humilha-

dos pelo simples facto de sermos "Negros".

Mas existem no Povo português que sempre consideraram os africanos como seres humanos dignos de respeito. É a eles que nos dirigimos nesta mensagem, afim de conjurarmos os nossos esforços na luta contra a ditadura de Salazar, nas colónias e em Portugal.

Nós estamos conscientes que Salazar (hoje Caetano) oprime os portugueses pobres das classes operárias e camponesas.

Nós lançamos um apelo a todos os trabalhadores e progressistas portugueses que lutam contra a ditadura de Salazar (hoje Caetano) para que eles coordenem os seus esforços com os dos nacionalistas angolanos, única maneira de chegarmos rapidamente à vitória e de criar as condições necessárias a uma cooperação no futuro".

Comité Central da U.N.I.T.A.

Como vemos, nesta mensagem está bem expresso que os combatentes da U.N.I.T.A. não lutam contra o povo português mas sim contra o governo fascista e colonialista. A prova está na libertação de prisioneiros civis e de guerra, efectuada pela U.N.I.T.A.

Em fins de 1970, uma criança e uma mulher portuguesas, capturadas numa emboscada em Angola, pelos guerrilheiros, chegaram a Portugal depois de 45 dias de marcha até à fronteira da Zâmbia.

Maria Adelina Neto, 28 anos, é esposa do chefe da polícia que foi morto numa emboscada na província de Moxico. O pai da criança, Maria Luisa Alves, foi também morto na mesma emboscada.

Jorge Sangumba, representante da U.N.I.T.A., declarou que a política deste movimento de libertação é a enviar para o seu país os prisioneiros civis, apesar dos perigos que isso comporta, para os combatentes. Com efeito, nós fomos obrigados de enviar uma patrulha de 6 soldados para acompanhar a mulher e a criança ao longo da caminhada até à fronteira da Zâmbia.

Estavam também em curso negociações entre os guerrilheiros e a Cruz Vermelha da Zâmbia e a Cruz Vermelha Internacional para a libertação de um terceiro prisioneiro, Francisco da Silva Maia, de 29 anos, soldado e pai de 7 crianças.

"O princípio da libertação dos prisioneiros de guerra portugueses, declarou ainda o representante da U.N.I.T.A., é, ao mesmo tempo, a consagração da linha política da



## CULTURA POPULAR

## O TEATRO E A AMIZADE ENTRE O POVO PORTUGUÊS E OS POVOS DAS COLÓNIAS

Com esta é a segunda vez que "O Salto" fala com trabalhadores que fazem teatro. Já dissemos como e porque nasceu a peça "O Emigrante". Agora, o grupo "Teatro do Trabalhador" faz a sua primeira peça — "Solidariedade" — para ser representada no dia 12 de Dezembro, na festa da Amizade com os povos das colónias. E para sabermos alguma coisa sobre a "Solidariedade", para vermos o que há de comum entre esta e a peça "O Emigrante" e para com as duas fazermos uma comparação entre elas e o teatro burguês, que nós estamos aqui, para mais uma conversa sobre teatro ao serviço do Povo.

Mas há teatro que não esteja ao serviço do povo? Sim. O teatro D. Maria; o teatro S. Luís, para os quais, sempre que há algum es-

ta tenta mostrar-nos que as colónias de Angola, Guiné e Moçambique são nossas e que devemos dar a vida para as defender. Diziam-se coisas deste teor: Quando se vê a Fortaleza de Moçambique, fica-se a pensar que é um lugar onde se sente a Gloriosa História de Portugal e onde ficamos emocionados. Ali compreende-se porque é que aquele lugar representa tanto para nós, portugueses. É que ali, perderam a vida antepassados nossos "dilatando a fé e o império". Ora nós, na "Solidariedade", dizemos, logo ao princípio: "Sabes, filha, o que me contava a minha avó? Que antes dos colonialistas portugueses terem chegado aqui, estas terras eram nossas e todo o milho que colhíamos era para nós."

(Continua na pág. 4)



Tal como na realidade, na peça "Solidariedade" também há um tribunal popular onde são julgados os inimigos do povo.

pectáculo, são convidados "Sua Eminência o Presidente do Conselho de Ministros, Sua Excelência o Chefe de Estado, assim como o Excelentíssimo Senhor Doutor Director do Hospital da Misericórdia, o Excelentíssimo Senhor Engenheiro da Junta Autónoma das Estradas, o Senhor Governador Civil, o Senhor Patriarca e "altas individualidades do Exército e da Polícia".

Quando a Companhia teatral é entrevistada pelos jornais diz que "o povo gostou imenso de ver o espectáculo" e que a mesma foi "alvo de muita amizade e carinho". Pudera, se as "altas individualidades" (que, para a Companhia Teatral, representam o povo) fazem discursos, elogiando os artistas que, "para representarem teatro", renunciaram aos seus cursos liceais e universitários.

Se pensarmos bem e fizermos a comparação entre as peças que são representadas no Teatro Nacional D. Maria I e no Teatro S. Luís, e aquelas que são escritas, ensaiadas e representadas por trabalhadores e para os trabalhadores, que vemos nós?

Damos a palavra aos responsáveis das duas peças a que "O Salto" já se referiu, pois ninguém pode dizer melhor do que eles, que escrevem e representam teatro, o muito que há a dizer sobre o teatro e a amizade entre o povo português e os povos das colónias.

As intervenções irrompem, espontâneas e acertadas, daquelas bocas, explodindo verdades:

— É para defendermos o povo que nós, trabalhadores, fazemos teatro.

— E, ao mesmo tempo que desmascaramos as mentiras com que a burguesia faz o seu teatro, nós, com o nosso, vamos enriquecendo aquilo a que chamamos, e muito bem, a "Cultura Popular".

— Falaram nas "mentiras com que a burguesia faz o seu teatro", têm exemplos, concerteza.

— Sim, tomemos como exemplo uma peça escrita por burgueses que foi transmitida pela Televisão Portuguesa. Nessa peça elogiavam-se "os feitos heróicos dos Portugueses em África". Toda a pe-

## 1º ANIVERSÁRIO DE « O SALTO » a Taça da Amizade

No dia 20 de Novembro as comemorações começaram com um encontro de futebol entre a equipe da Associação dos trabalhadores portugueses de Nantes e uma equipe mista formada por jogadores do "Encontro Português" e do C.J.T.P.P., em comemoração do 1º aniversário do jornal "O Salto".

Após o encontro, houve um jantar em Ivry, no C.J.T.P.P., em que participaram além dos jogadores e "O Salto", vários associados dos três clubes. A atmosfera foi de grande camaradagem. No fim do jantar houve a entrega da Taça da Amizade ao capitão da A.T.P.N. A entrega foi feita por um representante de "O Salto" que disse:

"O nosso jornal ao ser criado, pôs como seu objectivo principal unir os trabalha-



Estreitar os laços de amizade...

dores portugueses emigrados. É pois com grande alegria, que ao fim de um ano de trabalho, entregamos a "Taça da Amizade" à A.T.R.N. A vossa presença aqui, mostra bem, que se está avançando no caminho traçado, ela é mais um passo em frente para a criação da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados."

Os capitães das três equipas, e os representantes das várias associações, sublinharam durante o acto, o contentamento que sentiam em se encontrarem reunidos.

Depois houve canções populares, improvisadas por vários membros das 3 associações, terminando assim uma festa que veio reforçar a união e os laços de amizade já existentes entre as várias associações.

## « O Salto » em Troyes e a União Recreativa « Os Lusitanos »

Foi com todo o prazer que aceitei o convite quando o jornal "O Salto" me pediu um artigo sobre a fundação da "União Recreativa 'OS LUSITANOS'".

Toda a minha franqueza será para vós, emigrados, o signo do que significa uma casa de trabalhadores portugueses, em país estrangeiro.

Não quero ir longe de mais, mas apenas vos afirmar a verdade.

Sou um trabalhador emigrante como vós e não um explorador vindo para França, para roubar mais ainda os trabalhadores.

Faço parte da direcção igualmente com homens de mesmo valor, e para construir esta União não foi preciso fazer publicidade por intermédio dos Bancos, consulados e jornais; igualmente não fizemos promessas mas sim, mostrámos obras. A "União Recreativa", foi fundada no dia 3 de Março de 1970. (Éramos poucos), mas hoje somos muitos; porquê? porque todos os trabalhadores portugueses adoram a sinceridade e não a ganância dos exploradores, habituados à custa do nosso suor. Os nossos associados estão conosco mesmo nos momentos mais difíceis, prontos a ajudar-nos em caso de necessidade. Actualmente, temos uma sede, onde encontramos sempre um ambiente português. Temos o bar em funcionamento onde os trabalhadores portugueses saboreiam a famosa sardinha assada, e os petiscos à Portuguesa. Existe a secção de jogos: cartas, Domino, Damas, Quino, Ping-Pong, Bo-necos e flippers. Conseguimos a formação da nossa equipa de futebol que se encontra filiada na Federação Francesa de Futebol, e actualmente disputa o campeonato regional da quarta divisão, (encontrando-se em primeiro lugar, sem derrotas, em quatro jogos 12 pontos — 26 golos marcados e nenhum sofrido, bravo!). Conseguimos entrar no bom caminho; espe-

remos que com o tempo as nossas esperanças se realizem.

Aproveito para fazer apelo a todos os trabalhadores portugueses espalhados pelos departamentos de França. Organizai clubes de trabalhadores, mesmo que outras organizações existam, pois a melhor sempre vencerá. Nada de exploradores, mas sim trabalhadores conscientes e de bom senso prontos a ajudar os mais necessitados e vós vereis que esses, habituados a comprar fatos todos os dias por culpa nossa, serão obrigados a fugir para Moçambique. Nós provámos a força que fizemos contra a organização política, que os defende a eles, inimigos do povo, e por fim tivemos a vitória larga, mas bem merecida. Dai conhecimento a colegas que não estão ao corrente das estruturas feitas para vós, e assim conseguiremos ganhar uma guerra que o doutor formou com intensão de enriquecer à custa de certas operações que ele fez; mas tudo lhe saiu ao contrário. Precisais da União "Os Lusitanos"? Não hesitais, entrai em contacto com ela, para assim vos desvender todos os mistérios do tempo de Afonso (V) em França. Deixo-vos a vós julgar este problema, mas é preciso pensar bem, e para o próximo artigo, o mistério será desvendado para vós todos. Os trabalhadores portugueses de L'Aube, em conjunto com a "União dos Lusitanos" vos pedem para fazer força e resistirem. Uni-vos em clubes e uniões, mas nada de Associações Nacionais Patronais em França. Nós não queremos a política dos senhores da A.N.P.F., a política da exploração: nós somos trabalhadores emigrados.

Toda a correspondência deve ser dirigida para:

"União Recreativa 'Lusitanos' de L'Aube" — 39, rue de TREIZE, 10 Troyes.

## A associação dos trabalhadores de Nantes

Esta associação foi criada em Junho deste ano por um grupo de trabalhadores portugueses que vinha desenvolvendo actividades culturais em direcção dos trabalhadores portugueses da região. Desde então a associação tem continuado a realizar actividades, tanto culturais como desportivas, sobretudo no que respeita a festas, filmes, futebol e vai procurar continuar o trabalho até agora feito, para que os trabalhadores portugueses da região possam ter as possibilidades de contacto e distração que até há bem pouco tempo, não tinham. Nessa perspectiva a direcção tem procurado um local onde possa ter actividades de convívio para que os associados e os trabalhadores portugueses da região tenham um sítio onde se encontrar, sobretudo ao Sábado e ao Domingo.

A equipa de futebol da Associação mostrou que os trabalhadores portugueses emigrados podem e devem realizar não só as actividades culturais mas também actividades desportivas, pois o jogo de Paris foi um exemplo de confraternização e de camaradagem.

## FESTA

31 de Janeiro, pelas 16 horas:

Sessão "A Cultura Popular"

no 59, Rue de la Fontaine-au-Roi Paris 11, metro Concourt.

CINEMA— O Couraçado Pontemkim

CANÇÕES por Carriço e outros

TEATRO o O Nosso Teatro"

Para cada sessão existe uma brochura sobre o assunto.

Brochuras já publicadas:

"Vietnam, Laos, Camboja: a luta dos Povos é invencível" e "Angola 1961-1971"

Em breve "A Cultura Popular"

## CORO 1º DE MAIO

O Coro vai mesmo para a frente. Os ensaios são às 5ª feiras pelas 20h 30m, no 25 Rue Christophe Colomb, Met. Pierre Curie. Se sabes cantar ou tocar vem aos ensaios ou escreve para "O Salto", B.P. 95 Paris 11

## CONHECE os clubes de trabalhadores

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

Em Ivry  
25, Rue Cristophe Colomb  
Metro Pierre Curie e Mairie d'Ivry

Teatro : 3ª e 5ª feiras.  
Musica : 3ª, 5ª e Sábados.  
Lições de Francês : 3ª, 6ª e Sábados.

A partir das 20h 30m

Festas e convívio todos os Domingos a partir das 15h.

Centro Português de Iniciação Cultural

65, Rue Corvisart, Paris 13  
Metro Corvisart ou Place d'Italie

Escola de Francês : 2ª, 4ª e 6ª feiras a partir das 20h 30m

Convívio todos os Domingos, a partir das 15h.

CHATENAY MALABRY

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Chatenay-Malabry (em formação)

Centro de alfabetização em frente do Foyer da Citroën  
35, Rue Jean Longuet

Cursos de Francês às 2ª, 3ª e 5ª feiras às 19h 30m.

BURGES

Clube Português do Cher  
5, Rue de la Thaumassière

NANTES

Associação dos Trabalhadores Portugueses de Nantes  
9, rue des Hautes Pavés

HOLANDA

Associação Resistência e Trabalho

Brink 1 A — Amsterdam

Cursos de Holandês às 3ª e 5ª feiras às 20h.

Secção social às 3ª, 6ª e Sábados às 20h.